

MATTOS, Sérgio. Poemas. In: *Cinco Poetas Contemporâneos*. Salvador: Edições Contemp, 1974, pp. 13-24. (Livro com 76 páginas, com apresentação de Jorge Calmon, ilustrações e capa de autoria de Vivaldo Lima. Participaram os seguintes poetas: Sérgio Mattos, Zilmérico Ribeiro, Hildemário Rios, Geraldo Coni Caldas e Luiz Ademir Souza).

Apresentação

PÁGINA DE ROSTO COM NARIZ DE CERA

Há muito tempo não escrevo sobre poesia. O que não quer dizer que não leia poesia. Leio sempre que posso. Que disponho do necessário vagar para isso. Porque ler poesia é uma coisa, e ler prosa, outra coisa. Apesar do apelo feito certa vez por um escritor – cujo nome não me ocorre neste momento –, no sentido de que o leitor procurasse dedicar ao livro pelo menos o tempo gasto pelo autor para redigi-lo, de modo a apreender devidamente a mensagem, apesar desse apelo a verdade é que cada um de nós costuma ler rapidamente o texto em prosa. E não me refiro à chamada leitura dinâmica, cuja moda felizmente passou bem depressa, repudiada que foi por todas as pessoas que se respeitam culturalmente, e respeitam a cultura, que se adquire em doses racionais, não em ritmo de indigestão. Mas, é próprio da prosa – que é conversação em forma impressa – a leitura corrente, fácil, contínua. A poesia, ao invés disso, exige lentidão, disponibilidade de tempo. E condições especiais de espírito. Nada de pressa, ou de meia-atenção. A poesia é absorvente. Como prece. Para penetrar o conteúdo do verso, a carga de sensibilidade depositada pelo poeta do símbolo gravado, tem-se de criar disposições para o diálogo íntimo, em que o pleno entendimento de sua mensagem possa ir gerando as sensações que cada leitor esteja preparado para oferecer. É o instante em que qualquer pessoa pode tornar-se poeta também.

Ora, se tudo isso se faz necessário para a simples leitura da poesia, mais, muito mais, em termos de tempo, de concentração, de repouso da mente, será preciso para escrever sobre poesia. É o tipo da ocupação que não se concilia com o trepidante, agressivo, nervoso trabalho de jornal. Mas, com escusar-me de escrever sobre os cinco jovens poetas de minha terra, e os versos que fizeram? Bem mais difícil é ser, a um tempo, jornalista da notícia veraz e, simultaneamente, artesão gratuito da fantasia. E é, no entanto, o que consegue ser, ou fazer, Sérgio Mattos. Tanto como ele, os outros quatro – Luiz Ademir Souza, Zilmérico Ribeiro, Geraldo Coni Caldas, Hildemário Rios – exercem atividade em distintos setores, ganhando a vida. E, todavia, encontram motivação e repouso para comporem poesia. Boa poesia.

Seus poemas têm caráter leve e humano. Percebe-se que cada grupo de poemas está preso a uma determinada região, extrínseca ou intrínseca, consoante a origem, a formação, as experiências e tendências de quem os produziu. Revelam, por isso mesmo, diferentes tipos de filosofia de vida, o que se reflete na expressão renovadora, maior num dos poetas, mais tímida em outro. Entretanto, mesmo quando ocorre mesclagem com as formas clássicas, é perfeitamente nítida a predominância do modernismo, tanto quanto a originalidade do conteúdo.

Outra nota comum é a unidade de época, a que se filiam os diversos poemas. A divergência de geração não compromete, sob esse aspecto, a harmonia poética. Daí, chamar-se a coletânea "*Cinco Poetas Contemporâneos*". Realmente, eles o são, não só uns em relação aos outros, como no tocante ao tempo, à atualidade. E é bom, é confortante testemunhar que, nestes duros dias, presentes, ainda há poetas, que cantam, que sonham, que sabem extrair do material da vida, imagens de otimismo, mesmo quando vestidas da dúvida e da amargura.

Jorge Calmon
Salvador, 9/6/74

Sérgio Augusto Soares Mattos
Natural de Fortaleza (CE), julho de 1948
Bacharel em Jornalismo, em 1971.

Autor das obras:

Revistas:

“Experimental”, juntamente com Ivan Dórea Soares – 1968
“Conclave” (participação)

Livros de poesias:

“Nas Teias do Mundo” (1973)
“Pureza Anônima” (inédito)

É editor de suplementos do jornal *A Tarde*, onde entre outros caderno edita semanalmente o caderno *Jornal de Utilidades*.

Sérgio Mattos

Para meus irmãos

Li, Mauro, Madá, Cacau,

Luluca e Dani.

POLUIÇÃO

Pleno de medo e encanto
cheirei um lírio partido
jogado, perdido no canto
daquele jardim, de espinhos
e rosas, à beira do caminho.
- Palpitante seu perfume aspirei
e o olfato do poeta,
já poluído, nada sentiu...

(maio/74)

VERTICALIDADE

No crescimento vertical
de uma cidade
sepulta-se a humildade
do homem universal.
Chorei pingos de inspiração
pela falta de humanidade
desta vida teatral...

(maio/74)

O SORISO DE PAULA

a minha filha

Um sorriso
comprido
sem artifício
nem vício.
Um sorriso
puro,
de encanto,
de confiança.
É o sorriso
que tenho na lembrança
nos momento distantes,
na hora do abraço
do encontro e do cansaço.

(maio/74)

VIRGINDADE FLORESTAL

Vivo numa terra-mundo violada,
poluída e estraçalhada.

O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada.

(out./73)

SINAL DOS TEMPOS

Um hippy

Uma rua

Um hippy rico

Um rico hippy

Hip-Hip-Hurrah!

(fev./74)

SEM DEFINIÇÃO

Num mundo indiferente e sem formas,
uma obsessão inacabada,
emergindo de uma pálida significação,
se alinhava em meu espírito
em busca d'uma imagem pura:

Duas mãos aquecidas
Duas bocas unidas.

(julho/69)

OBSERVAÇÃO

a Germano Machado

Triste, meu peito desfeito.
respira permanente e brando,
sem alarido, fica contemplando...

Triste, meu peito desfeito,
sem prantos e vaidade, manifesta,
no mundo atento,
uma segurança funesta:
Sem partido, intrigas e consonâncias...

(julho/69)

CONTRIÇÃO

Quando meu sangue-fruto
penetrar em tuas entranhas
vencidas, te banharei
num orvalhado pranto de carinho...
(julho/69)

CONCEPÇÃO

O mundo de essências
está nas mãos do poeta

Com as mãos ele articula
o destino de todos os seres...

Porque vivemos
num mundo sem custódias
e o poeta é o vigia do tempo.

(1968)

SECA

Cavalei pesadelos em nuvens brancas
e cantei como cigarra no verão.
Andei rios em terra de céu azul,
onde vida-e-morte é sol.

(1970)